

Num.
13
Anno I

AMAZA

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

6
de Maio
1922

NO TELEPHONE



MODERNA
RIO

— Allô !... Allô !... Que barulho é esse na linha ? É você ?

O AZAR DE CASIMIRO



LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 43

Hoje, 6 de Maio, Ás 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA
14.^a - 3.^a

NOVO E IMPORTANTE PLANO
SÓ JOGAM 20.000 BILHETES

100:000\$000

POR 22\$000, EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

Verifiquem os preços da

== **MAIOR VENDA** ==

==== DA ====

CASA YORK

CAMISARIA

ASSEMBLÉA Ns. 22, 24 e 26

(ESQUINA DA RUA DO CARMO)

GRIPPE? RESFRIADOS?
GRIPPOSANOL

Drogaria Werneck — Casa Moreno

BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis — 1.º de Março
151 e nas boas farmácias e drogarias —
Exijam a marca registrada onde se lê: Ba-
nhos de mar em casa. Únicos analisados e
recomendados por distintos clínicos.

O TERROR DO HOMEM !!

Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia
organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por
excessos, curam-se com o

“SEXUOL”

Preparação opothérpica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. — Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Inter-*
nacional — Rua Quintino Bocayuva, 18.

AMANTES...

o mundo é vosso! Tomae antes de almoçar, jantar e
ao deitar 1 calix de

JUVENTOL

Preparação estimulante, aphrodisiaca e tónica.

Não contém substancias toxicas.

VELHOS, HOMENS, ESGOTADOS e NERVOSOS

não desanimeis, curai-vos.

RUA DOS ANDRADAS, 43, 45 e 47

GRAVATAS FINAS E DE GOSTO?

Nº 0 Pavilhão, Ouvidor 108.



HOEPFNER & Co., Ltd.

SECÇÃO GRAPHICA
EXECUÇÃO PERFEITA E RAPIDA

TYPOGRAPHIA

LITHOGRAPHIA

RELEVOGRAPHIA

ENCADERNAÇÃO

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telephone Central 378

RIO DE JANEIRO

O que o espelho não reflecte

O que torna a halitose (mão halito) insidiosa e incommoda é o facto de que, geralmente, a pessoa que della soffre não se apercebe do mal. Póde uma mulher ser dotada de todos os encantos femininos; póde ser linda, espirituosa e educada; póde ainda ser attrahente, sob todos os pontos imaginaveis, ás pessoas de sua amizade e ás de suas relações. Existe entretanto um mal invisivel, muito commum, mas



ignorado por essa mulher e que poderá fazer com que todo o mundo della se afaste. Nesse particular o seu espelho nada lhe diz, como tambem nada lhe dizem as suas intimas amigas. A maior parte dos casos de halitose são passageiros, cedendo rapidamente com o uso do Odorans, quer como lavagens da bocca, quer como gargarejos. Esse conhecido antiseptico liquido possui ideias propriedades desodorantes para combater a halitose. O Odo-

rans impede a fermentação na bocca e torna o halito agradável, fresco e puro. Não ha, pois, motivo para ninguem, affligir-se em saber se o halito está bom ou máo, quando existe remedio tão simples e scientifico. Póde-se então estar certo de que não se molesta os amigos num assumpto tão delicado, em que elles não usariam, naturalmente de franqueza. Se a distincta leitora ainda leitora ainda não usa o Odorans, não deve deixar de comprar um frasco, que se encontra em toda parte e no deposito geral, Casa Hermmany, pelo modico preço de dois mil e quinhentos réis.

Modas

Confeccões

Armarinho

Chapéos = Colletes

Lingerie

Tecidos

Roupa=

Branca

Meias

Cretones

Morins

Atoalhados

Guardanapos

Tapeçarias

ROYAL-STORE

Acceitam-se encommendas para
ORNAMENTAÇÕES - DECORAÇÕES

187 - OUVIDOR - 189

Telephone N. 6717



OCULOS E PINCE-NEZ
Para qualquer defeito da vista
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS E ACCESSORIOS
Lutz. Ferrando & Cia Ltd
Rua Gonçalves Dias, 40 - Rio



Director : CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A RELIQUIA

Causava-me, sempre, uma impressão estranha a presença daquella peça de vestuario feminino em um lugar sagrado. A principio, imaginei um sacrilegio ostensivo, um desafio irreverente á santidade da religião ; tratava-se, porém, de uma familia sabidamente catholica, famosa, mesmo, pelos seus sentimentos christãos, e foi isso que me animou, certo dia, a fazer esta pergunta ao dono da casa :

— Que quer dizer aquella peça de roupa no teu oratorio? Pertenceu a alguma santa? E' alguma reliquia? algum objecto sagrado?

O meu amigo, que se encontrava de cama, e me havia recebido no seu quarto de enfermo, no qual se achava, illuminado fracamente por uma lamparina de azeite, o santuario da familia, voltou-se nos lençóis, e respondeu-me :

— E' um objecto sagrado, sim. Era de minha mulher...

Olhei-o, sem comprehender, mas não pretendia indagar mais. Foi elle proprio quem se virou, de novo, no leito, melhorando de posição, e prometteu :

— Eu te conto o caso. Espera ahi.

Tomou uma colherada do remedio que estava ao lado, sobre a me-

sinha de cabeceira, e começou :

— Quando eu estive na Europa em 1920, fui, como te mandei dizer, a Roma. E como ir a Roma e não ver o Papa constituia um desastre proverbial, resolvi comparecer ao Vaticano em um dia de audiencia geral, afim de ver, na sua passagem por entre os crentes, Sua Santidade, Benedicto XV. Impossibilitada de

acompanhar-me, por estar, na ocasião, em uma casa de Saude, sciencifiquei minha mulher da minha resolução, perguntando-lhe se não tinha nada para submeter á benção do Santo Padre. «Leva isto, — disse-me ella, — para elle benzer». E entregou-me um pequeno embrulho, em que havia um manto de setim, bordado a ouro, destinado a uma imagem de São Luiz Gonzaga, santo da sua devoção, que nós

haviámos adquerido em Paris.

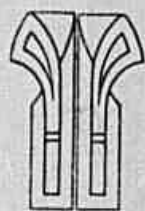
O enfermo tomou um gole dagua, apoiando-se na cama com o cotovello esquerdo, e continuou :

— Fui. Os corredores, as salas, o pateo por onde Sua Santidade devia passar, estavam cheios, repletos de fieis. Havia gente de toda a parte do mundo, que se distinguia facilmente pelos seus trajes caracteristicos. Gregos, persas, turcos, indianos, francezes, allemães, russos, japonezes, tudo



⌘⌘⌘ A Grande obra dramatica de Alexandre Bisson ⌘⌘⌘

A Ré

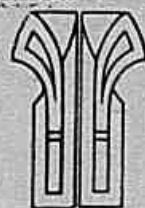


⌘ Pauline ⌘

Será exhibida de
15 a 21 de Maio



Mysteriosa



⌘ Frederick ⌘

— No —
CINEMA CENTRAL

⌘⌘⌘ Goldwyn Pictures ⌘⌘⌘

Exclusividade para o Brazil : C. Biekarck & C.^{ia} -- Rua Misericordia. -- 34 RIO DE JANEIRO

A classe medica diz

O Dynamogenol é indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produz a fadiga cerebral — taes como : literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros.

O Dynamogenol é de resultados surprehendentes nos seguintes casos :

Anemia
Tuberculose
Chloro-anemia
Flores Brancas
Fadiga Cerebral
Hysterismo
Nervoso

Vertigens
Bronchites Chronicas
Agenesia
Pallidez
Insomnia
Paludismo
Perdas Seminaes

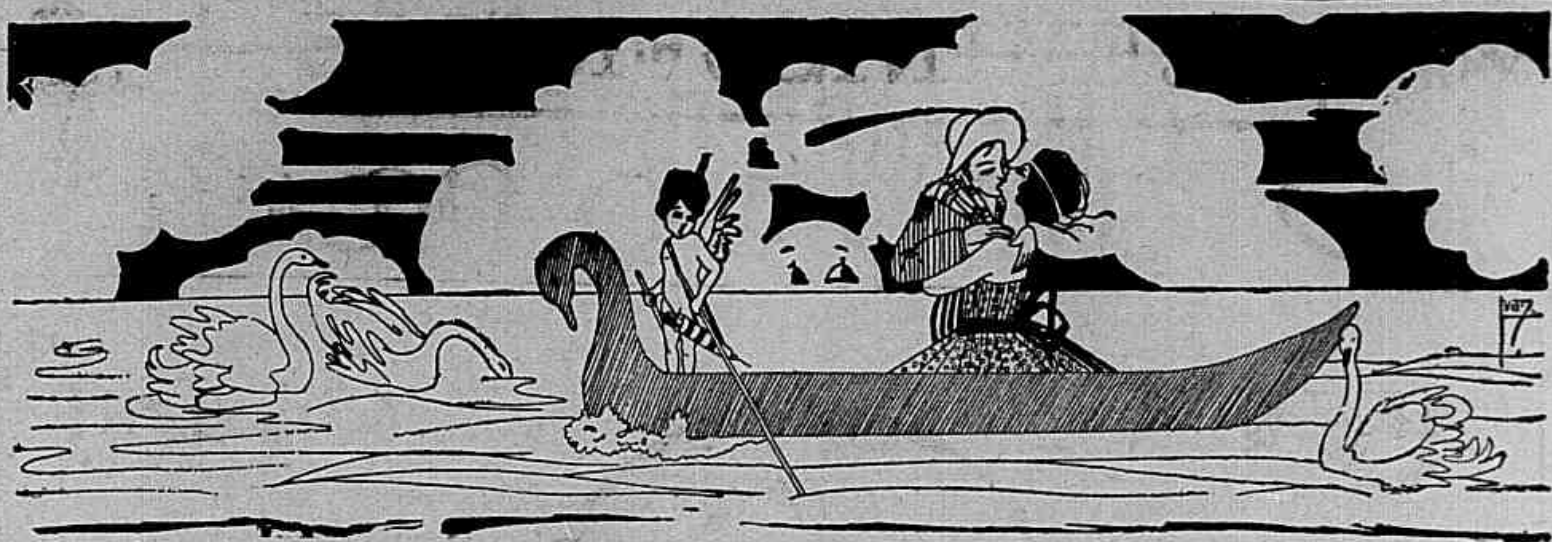
Convalescença
Magreza
Dôres de Cabeça
Falta de appetite
Fraqueza geral
Suores nocturnos
Má digestão, etc.

DYNAMOGENOL

Nestas e outras molestias **DYNAMOGENOL** é de um effeito seguro e rapido

As parturientes não devem nunca deixar de tomar o Dynamogenol durante a gestação e após a delivrance, pois, assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphatos, graças a esta inegualavel preparação. — Um só vidro do Dynamogenol representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo e na rua 7 de Setembro, 186



O CAVALLO DE SENIS

O salão do eminente escriptor Benicio da Maia, gloria da poesia indigena e orgulho da oratoria nacional, transbordava de gente «chic», naquella noite em que elle ia lêr, para um publico de senhoras e cavalheiros do grande mundo, o primeiro conto do seu poema sobre «Os amores de Jupyra», fervorosamente elogiado pelos jornaes. Uma alegria sã, forte, communicativa, enchia o salão, tornando-o resoante de vozes alegres, como um copo de crystal que se sacudisse, repleto de vinho e gêlo. E com as vozes, com o contentamento geral, um perfume doce, e quente, abria as asas invisiveis, espalhando-se, como um incenso, pela casa inteira.

Benicio da Maia era, então, o poeta da moda, o que quer dizer, o poeta das mulheres. Eloquente e bonito, a sua palestra era uma trama de ouro em que elle, aranha inclemente, prendia, e torturava, dia a dia, um turbilhão de moscas douradas. E eram essas moscas que alli estavam, brilhantes e zumbidoras, disputando-se, numa volupia de martyrio, o santo privilegio do sofrimento.

Senhora experiente, D. Sarita conhecia, uma por uma, as creaturas que lhe disputavam o marido. E con-

tava-as, com os olhos. A mais impertinente era, sem duvida, a Aurélia, aquella de pelle muito branca, e de corpo muito bem feito, que vinha, de vez em quando, lhe dar um beijo de

mau apostolo, sentando-se no braço da cadeira. O Benicio sabia, porém, que se tratava de creatura facil, em cujas espaldas havia a marca dos dedos de uma centena de capitalistas, e, certo, não a enganaria com ella. As outras eram mais discretas, e, embora lhe requestassem o esposo, estavam, naquelle dia, de sentinella á vista, acompanhadas, como se as via, pelos respectivos maridos.

A leitura ia, quasi, começar, quando o telephone tilintou, chamando a dona da casa. Esta foi attender, e voltou com um sorriso e uma noticia:

— Benicio, dona Adelaide mandou dizer que não vem.

— Dona Adelaide?

Quem é dona Adelaide? — indagou o escriptor, franzindo a testa.

— A viuva. A viuva do Sobreira.

— Aquella que casou, depois, com o Arlindo, que morreu o anno passado?

— Exactamente.

— E em cuja casa morreu o Praxedes?

Franqueza



— Pois, olha, filho, a culpa é tua.
— ...
— Eu nunca te disse que não te enganava!



O MILAGRE DE CIRCE

Não obstante a prevenção que sempre têm as senhoras elegantes com os cavalheiros mettidos a eruditos, naquella, naquella roda, mostravam-se complacentes com o conselheiro Bernardino Baptista, que se propunha contar-lhes, de memoria, um capitulo da «Odysséa».

— E' um trecho agradável, — assegurava elle. — E' o pedaço em que Circe, despeitada, transforma em porcos os companheiros de Ulysses.

— Em porcos? — estranhou uma senhora alta, forte, especie de Minerva nacional, armada em guerra com dois olhos maravilhosos.

— Em porcos? — gemeu outra, pequenina, nervosa, vibratil como uma faisca.

— Em porcos, — confirmou o conselheiro. — Por que não?

E resumiu:

aquillo se comprimia, se apertava, disputando-se um logar, nas duas alas formadas para o desfile. Um espectáculo soberbo, acredita. Sosinho naquella multidão, eu me guiava por mim mesmo, encantado com aquelle anonymato, quando um murmúrio de vozes incompreensíveis annunciou a aproximação do Vigário de Deus. Puz-me nas pontas dos pés, e vi, na extremidade da sala por onde elle devia vir, um sacerdote gordo, forte, de oculos, em habitos cardinalicios, e cuja presença determinou o mais absoluto silencio. Era o cardeal Merry del Val, o qual, no meio d'aquella quietude, annunciou, a voz grave: — «Sua Santidade vae passar, e abençoar as reliquias que lhe fôrem exhibidas. Quem tiver objectos para benzer, apresente-os, no momento da benção».

Uma paradasinha para tossir, e o meu amigo reatou:

— Um instante mais, e um movimento da curiosidade geral assignalou a presença de Benedicto XV. Estatura mediana, oculos de ouro, rosto moreno e severo, era uma figura sympathica. Vinha sobre uma cadeira dourada, esculpida como uma joia, carregada por quatro suissos. Olhava para um lado e outro, a mão erguida, fazendo o signal da Cruz, num movimento de benção. Ao approximar-se de mim, metti a mão no bolso, sem desviar os olhos d'elle, e, tirando o envelope com o manto de São Luiz Gonzaga, levantei-o acima da minha cabeça. Sua

Santidade pousou nelle os seus olhos de myope, fez o signal, e foi passando.

— Introduzidos no palacio de Circe, os companheiros de Ulysses, entre os quaes Euryloco, fôram brindados pela deusa com uma bebida misteriosa, que lhes fez perder a idéa da patria. Em seguida, baten-lhes Circe com a sua vara magica, transformando-os em porcos, que fôram, depois, mettidos num curral.

Por essa altura, foi o narrador interrompido por uma senhora encantadora, que o ouvia sorrindo:

— Ora, grande novidade! — observou ella. — Acha o senhor que Circe, sendo bonita, fez, nisso, algum milagre?

E sem esperar a resposta:

— Qual é o homem de bom gosto, senhor conselheiro, que não é «porco»... diante de uma mulher bonita?

E piscou um olho, zombeteira. — MAX & MIX

Outra pausa, para outro remedio, e tomou o fio da narração:

— Demorei-me ainda uns instantes, vendo passar o cortejo, composto de cardeaes, de bispos, de altas figuras ecclesiasticas. Ao fim de alguns minutos, porém, retirei-me, levando na mão o envelope sagrado. E ia já na praça de São Pedro, quando estremeci.

— Perdeste o envelope? — indaguei.

— Não. Absolutamente. Ahi é que está. E explicou:

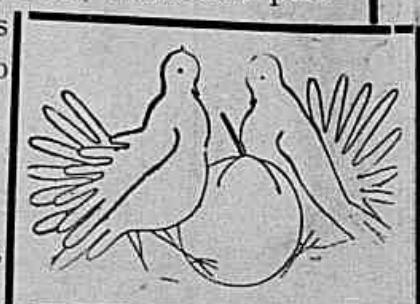
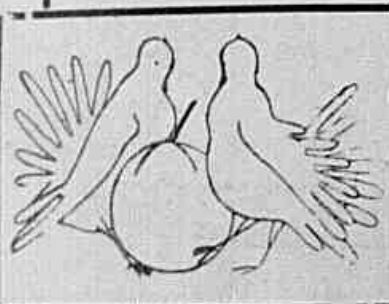
— Ao sahir de casa nesse dia, minha mulher havia me pedido que passasse em uma casa de roupas brancas da via Cavour, e comprasse, alli, uma peça de roupa branca, de que ella tinha necessidade. Fui, comprei-o, e a «vendeuse» m'o deu em um envelope da casa commercial, que eu puz no bolso, ao lado do outro, com o manto de São Luiz. Não eram do mesmo tamanho, nem, sequer, da mesma côr. Tãmanha foi, porém, a minha perturbação ao ver o Santo Padre, que eu, em vez de puxar um envelope, puxei outro, dando a benzer, em vez do manto do santo, a encomenda da minha mulher!

— E depois?

— Depois? E' o que estás vendo. Ella não quiz usal-o, achando isso um sacrilegio, e collocou-o alli.

E indicou-me, com o dedo magro e pallido, um «soutien-gorge» de sêda rosa, esmaecido pelo tempo, aberto, como as duas azas de uma garça, no fundo estrellado do oratorio.

X. X.





AS MEIAS

Na sala de bibliotheca, vasta e confortavel como um salão de cinema, a que as estantes esculpidas e as «maples» escuras emprestam um ar de severidade, o dr. Agostinho de Lemos folheava

na outra, fechadinha como um botão de rosa, uma torradinha côr de ouro, a linda creatura ria despreocupadamente, agitando-se na cadeira, quando, com o movimento do corpo, lhe saltou do collo de neve e rosa, pela janella de seda do decote, a sua custosa cruz de brilhante, fugindo-lhe para o hombro, com o risco de perder-se.

— Cuidado com a cruz, madame! — avisou, attencioso, do outro lado da mesa, o conselheiro Athanasio, que observava, sem perder um movimento do sólo, as ondulações do Calvario e os arredores de Jerusalém.

D. Lisette olhou o decote, apanhou a cruz fugitiva, e, aconchegando-a á carne rosada, queixou-se, risonha:

Tambem, que idéa esta, de inventar cruzes para o collo da gente!

— Vossa Excellencia não sabe, então, o que ellas significam, na opinião de Tabarin?

As senhoras mostraram-se curiosas de conhecer a origem daquelle costume, e o antigo palaciano começou, medindo as palavras:

— Na Edade-Media, quando eram deficientes os meios de comunicação de cidade para cidade, de aldeia para aldeia, de um castello para outro castello, os monges, que dominavam nos paizes barbarizados da Europa tomaram a si a incumbencia de marcar os caminhos, cujas direcções

uma encadernação vistosa e nova, enquanto, em torno, a esposa, as duas cunhadas e trez ou quatro visitantes mais, discutiam assumptos mundanos e, principalmente, cousas de modas. De repente, os oculos do illustre advogado faiscaram, illuminando-lhe o rosto liso, escanhado, gordo como de uma creança. E um riso bom, sadio, malicioso, afflorou-lhe á bocca, chamando a attenção dos presentes.

— Que livro é esse? — indagou a esposa, interessada.

— E' um volume de contos, do Conselheiro X. X. E elevando a voz, leu, com a sua dicção excellente, de perfeito conhecedor da tribuna:

«AS CRUZES — As senhoras graznavam, como periquitos em roçado, em torno da mesa do chá, quando Mme. Gama Simpson se curvou, rindo com alarido, sobre a toalha de linho bordada de cegonhas vermelhas, numa escandalosa explosão de alegria. Segurando em uma das mãos a taça de porcellana e





REMINISCENCIAS



O Passado e o presente



O sr. Conde Pereira Carneiro,
em 1853



O sr. ministro Pandiá Calogeras,
em 1871



O sr. senador Antonio Azeredo,
em 1849

— Essa mesmo.

E o escriptor, com um sorriso :

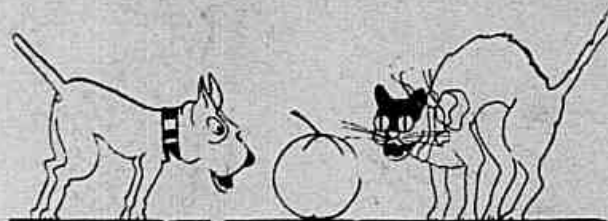
— Ahn ! E' o cavallo de Senis !

A malicia com que Benicio da Maia fizera essa referencia historica despertara, na assistencia, o dezejo de conhecer o facto historico, em si mesmo. E foi por isso que, todos, em tumulto, batendo palmas, lhe pediram :

— Conte a historia, sim ? Conte a historia ! Conte !

O poeta pediu silencio, e contou :

— Havia, outr'ora, um cavalleiro valentissimo, chamado Senis, cujo cavallo, como o de Alexandre Magno, era o socio infallivel dos seus triumphos guerreiros. Certo dia, em uma das batalhas em que entrara, foi o cavalleiro alcançado por uma lança inimiga, e



atirado fóra da sella, morto. Abandonado no campo de lucta, foi o animal detido por um soldado inimigo, que

o cavalgou. O cavallo sahiu, porém, com elle em disparada, carregando-o para o mais acceso da peleja, onde o soldado cahiu morto. Montado por outro combatente, fez o mesmo; e ainda outra, e outra vez, arrastando para a morte infallivel, em arrancadas furiosas, todos aquelles que o montavam !

Quando o poeta acabou a narração historica, passou os olhos, em torno. E observador como era, notou que, enquanto as senhoras sorriam, encantadas, os cavalleiros estavam brancos, de cêra, como se sentissem sobre a cabeça, escura e baixa, a sombra de uma terrivel fatalidade...



Almirante Justino Ribas

Em Paquetá



As aguas de esme alia que rodeiam, carcosamente, a pequena ilha poetica dos fundos da Guanabara, estavam, naquella dia, mais verdes do que nunca. Pequenas, vaidas, rumorejantes, as ondas vinham com preguiça até á praia, regressando do primor obstaculo, como se se tivessem arrependido da aventura. O sol atirava palhetas de ouro á cabeça de cada ondina buliçosa, e mo se estivesse marcada para aquella manhã a primeira distribuição de premios da primavera.

Lindas e jovens, as duas moças caminhavam pela praia da Guard, juntando aqui uma concha, ali um busio, e nvers não displicentemente. A primeira, casada, orçava pelos vinte annos, era o typo, mais ou menos da Moreninha, de Macedo. A outra, mais irrequieta, não teria mais de dezoito, e lem'rava, nos modos arrebatados, essas figurinhas l-vianas que enchem, á tarde, no Rio, a Avenida e os cinemas.

Ao lado uma da outra, vestido de cissa branco, sapatos de lona, sem salto, caminhavam sem cuidados, quando a mais velha, a casada, descobriu ao longe, na praia, um vulto masculino, em traje de banho.

- Olha quem está alli! — apontou.
- Quem é?
- O Miguel, teu primo.
- Ahn!...

Apressando o passo, chegaram as duas no momento, mesmo, em que o rapaz se sentava na beira de uma canôa posta a secco, á sombra de uma árvore. Saudaram-no, e iam passar adeante, quando a mocinha soprou ao ouvido da amiga:

— Espera. Vou pescar um casamento. Voltou sobre os passos, aproximou-se do Miguel, e enfiou-lhe, carinhosa, a mão pelos cabellos revoltos. Em seguida sentou-se nos joelhos do rapaz, mas para sahir, de carreira, arrependida do que havia feito.



Ao chegar junto da amiga, esta censurou-a:

— Fize-te uma sneira: sabes?

— Eu? — estranhou a outra.

— Sim. Tu não disseste que ias pescar um casamento?

— Disse.

— E então?

— ...

— Para que te sentaste em cima da isca?

E sahiram de carreira.

eram assignaladas por meio de cruces. Ao deparar, na matta ou na montanha, um destes symbolos da christandade, o viajante já sabia que não errara o seu roteiro, e que a estrada era, mesmo, por ali...

— Mas... — interrompeu, impaciente, Mme. Souza Baptista.

— Espere... — implorou o conselheiro.

E continuou:

— Mais tarde, com o advento das modas femininas, e com o aproveitamento, por parte das mulheres, de todas as conquistas do homem, en-



tenderam ellas de utilizar o mesmo symbolo, com a mesma significação.

— A cruz no collo das mulheres quer dizer, então, alguma coisa? — interrompeu, franzindo a testa, Mme. Werther.

— Evidentemente, minha senhora! — tornou o conselheiro.

E explicou:

— Ellas estão dizendo, como nas montanhas antigas, que... o caminho é por ali!

Quando o conselheiro terminou a sua narrativa, Mme. Simpson procurou a sua cruz de brilhantes, e tomou um susto. Com os seus modos estabados, a cruz havia, de novo, abandonado o decote, e fugido para traz...

Concluida a leitura, que motivou um protesto de D. Luisa e um riso constrangido nas duas moças, as quaes disfarçaram o rubor das faces abanando-se violentamente, ia o illustre advogado passar a outra pagina, e ler outro conto, quando uma vozinha infantil, de alguem que ninguem notara, o interrompeu:

— Papae?

O dr. Agostinho olhou, espantado.

E o Zezico, pirralho de seis annos, que folheava um livro de figuras, afundado numa cadeira, a um canto da sala:

— Aquellas flexas que tem nas meias de «baguette», tambem têm a mesma significação?

John Dearly

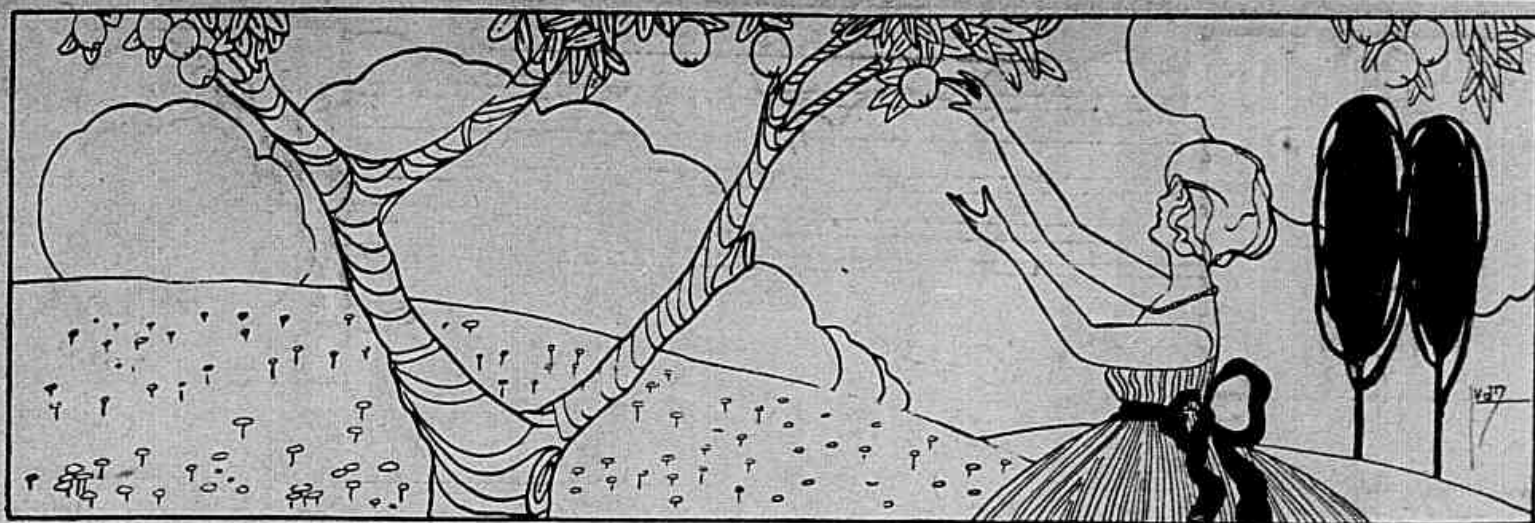
□□□□□□□□□□□□□□□□

Chapéos de palha?

Nº PAVILHÃO, Ouvidor, 108

□□□□□□□□□□□□□□□□





POR BEM FAZER...

Nessa hora de scepticismo e de ambições desvairadas muito e muito soffrem os que vivem a pregar o altruismo, arremettendo com a immoralidade e a insensatez.



Que poderá, porem, um fragil peito contra a investida furiosa dos mascaréos? O temerario que assim pretender aplacar os vagalhões revoltos terá que ser infalivelmente atirado de encontro ás rochas ou rejeitado

sobre a praia como simples alga, á mercê do fluxo e refluxo das ondas.

E é isto precisamente que váe succedendo a certo apostolo que prega num templo onde ninguem váe e enche paginas e paginas de jornal que ninguem lê, taes a extensão e o arranjo pedregoso das suas homilias.

Faz pena, porque é sincero e puro, modelo vivo para a mocidade transviada

Digo modêlo vivo de virtude, que não de elegancia, pois não me animaria a aconselhar á gente nova que deixasse, por exemplo, crescer a cabelleira somente para dar por altruismo habitação gasalhosa a certos animalejos, nem que embrulhasse os pés em pannos pretos ou envergasse uma sobrecasaca côr de garrafa com o unico fim de apartar da propria figura os olhares seductores da concupiscencia em transito...

Não aconselharia tão pouco aos jovens patricios que déssem ouvidos a todas as lérias que escutam por estas ruas alem, para que não aconteçam mal entendidos e erroneas interpretações de intuitos severos e honestos.

Tudo isto vem a proposito de alguns factos occorridos com o santo varão, victima da anarchia occidental e do seu amor á humanidade, que, ai, della! timbra em não querer comprehender o seu desinteresse.

Rara é a semana em que não haja, parece incrível, queixa á policia contra a intervenção bem intencionada do apostolo.

Não faz um mês era uma rapariga que o injuriava num bond sómente porque elle pretendia concertar-lhe o relógio de pulso alli mesmo, e gratuitamente!

Como tenha o costume de viajar em carro de 2ª classe entre os proletarios, já existe quem supponha que é o homem que corta pernas á navalha...

Como sei que lhe succe-

de uma aventura cada dia, assim que o avistei sentado no banco de um reboque, logo me dispuz a observalo da plataforma do carro-motor.

Elle ouvia sisudo e grave a disputa de dois carregadores, que, pelos modos, coitados, ainda estão muito longe do regimen pacifico industrial, e já se dispunha a saltar, quando ao lado uma alentada creoula forcejou em vão por abalar a pesada carga de um taboleiro de roupa.

E porque o suave-sacerdote se movesse para prestar-lhe auxilio, lembrando a assistencia do Mestre: — «Minha filha, o amor por principio...» — nem





Theatro Boccacio

O SACRIFICIO

Comedia Dramatica em 2 actos

quenos e ponteagudos.

UMA CABEÇA: mulatinho, servente do consultorio. Rio — Actualidade.

ACTO 1.

SCENA UNICA

JULIA E MARIU'NA

(Em casa de Julia — Boudoir moderno. Julia deitada numa espreçadeira, em roupão de linho de mangas frouxas, com as mãos passadas sob a cabeça, olha o abat-jour, fixamente, como se estivesse a resolver um caso gravissimo de consciencia).

MARIU'NA — (entrando). Preguiçosa!... Ainda assim?... E eu que pensava que ia chegar atrasada!...

JULIA — Acho que vou desistir...

MARIU'NA — Como?... Desistir?... A «matinée chic»...

JULIA — Estou sem animo... Aniquilada...

MARIU'NA — (tirando o chapéu e afofando os cabellos) Doente?... Está doente?...

JULIA — Estou... e... profundamente desgostosa de mim... de Armando... de tudo...

MARIU'NA — Que horror!... Quem te ouvisse fallar...

JULIA — Mesmo assim não imaginaria a metade da minha descrença...

MARIU'NA — Que pessimismo!... Imaginas que isso resolva as nossas afflicções?... Sim... porque todas nós temos os nossos momentos de abatimento... A nossa hora cinzenta... Mas de que se trata?... Que causa te abate dessa maneira?...

JULIA — Armando não é o mesmo...

MARIU'NA — Não é o mesmo?... Surmenage? Esgotamento nervoso?... A's vezes isso é uma crise passageira... Não vale a pena martyrisar os nervos imaginando um mal irreparavel...

JULIA — Surmenage?... Esgotamento nervoso?... Antes fosse... Agora elle trabalha como nunca e está, tambem, mais lepidio do que nunca...

MARIU'NA — E então?...

JULIA — Então... elle me engana...

MARIU'NA — Elle te engana?... E' possivel?...

JULIA — Engana... sim... Estou certa... certissima...

MARIU'NA — (sentando numa poltrona perto de Julia e tomando com carinho a mão desta) Pobre amiga!... E' possivel que o Armando te engane?... Não será simples desconfiança?...

JULIA — Se estou soffrendo as consequencias directamente...

MARIU'NA Se é assim... E'... mas... não comprehendo...

JULIA — Eu tambem principiei não comprehendendo... depois vim a saber pelo caderninho de notas delle, que a sua mesquinha comzigo era injustificavel...

MARIU'NA — Ah!... Elle tem «isso» assentado num caderninho de notas... Todas as despesas que faz?...

JULIA — Não!... As despesas elle não assenta... Só registra a renda...

MARIU'NA — A renda?!...

JULIA — Olha... Ainda este mez o consultorio delle já rendeu tres contos e no entanto eu não pude ir escolher um vestido no sortimento que a Mme. Mimi trouxe da Europa...

MARIU'NA — Ah!... Então dizes que elle te engana...

JULIA — Nas contas... Vive a lamentar-se... Hontem, como eu lhe pedisse cem mil reis, elle tirou da carteira, ás escondidas, torcendo o corpo para o escuro, uma nota de cincoenta e me disse, santa coragem!... que eram os unicos que elle ganhara na semana...

MARIU'NA — Coitadinha!... Que horror!... E d'ahi conclues...

JULIA — Que elle gasta o dinheiro lá fóra com alguma typa...

MARIU'NA — Será possivel?!... Enganando-te com uma typa!!!

JULIA — Peor do que isso é sonegar o dinheiro que tem rendido o consultorio...

MARIU'NA — Achas então que a typa tem sugado tudo?

JULIA — Tudo!... Tudo!... (uma lagrima corre)

MARIU'NA — Mas... é monstruoso tudo isso!... (enxugando a lagrima de Julia com um lençinho minuscuro de renda) Pobre amiga!... Todo o dinheiro deste





"POTINS"

Da Copa ao copo

O conhecido deputado e homem de sociedade foi visitar em dia de festa, um club dansante frequentado por gente humilde, e, não se sabe como, ficou, logo, interessadíssimo por um palmosinho de cara, que viu lá. Não obstante a sua posição, dançou com ella um tango, e outro, e outro, e ia dançar mais um, ás quatro da manhã, quando a pequena indagou:

— Que horas são?

— Mais de quatro.

— Minha Nossa Senhora! — gemeu a morena. — E eu que disse á patrão que estaria em casa ás trez!...

No dia seguinte, faltava uma copeira na cidade, mas, em compensação, uma pensão chic da Gloria recebia, com pagamento adiantado, uma nova pensionista.



pôde concluir o conceito, deante do disparate da preta scandalizada, que se saiu com esta:

— Gentes, nhônô! O Snr. quer se engraçar commigo? Sórte o taboleiro, que eu não pereço de ajudas!

E como o mestre se retirasse entristecido e cabisbaixo, ella achou de rematar:

— Ah! Se o Sarafim te visse, que coça te ha-

vêra de dar!

Por estas e outras é que acho verdadeira a tal historia do bêcco da Lapa, em que elle só não accedeu a certo amavel convite de: — «Entra, sympathico», simplesmente por ser, conforme logo declarou á moça equivocada, «orthodoxo», menina, irreductivelmente «orthodoxo»!...

Tempos cruéis os de hoje!

Por bem fazer, mal haver...

Gil



Um susto

O jovem medico da Saúde Publica andava apprehensivo, ultimamente, com os crimes contra collegas seus, e, não obstante a falta de ameaças, temia ter, de uma hora para outra, o mesmo destino. E foi quando lhe entrou no consultorio, visivelmente nervosa, envolta em uma capa de velludo negro, aquella senhora ainda moça, mas de phisionomia macerada pelas vigílias.

Attendida na sala de consultas, ouvia o clinico a exposição da sua nova cliente, quando esta, que se conservava de pé, começou a exaltar-se, clamando contra os medicos, contra os remedios, contra a medicina. O moço ouvia-a, afflicto, procurando adivinhar o fim d'aquillo tudo, quando de repente, num gesto brusco, a doente enfiou a mão por baixo da capa, arrancou de lá qualquer coisa faiscante, e bradou, avançando:

— Para me defender eu tenho isto... Ouviu?

Ao faiscar da arma, o medico deu um pulo para traz, como um gato, indo esbarrar, com estrondo, numa caixa de ferros, que fervia.

E ia pôr-se em defeza, quando sorriu, de si mesmo.

A arma que a dama empunhava, e que elle lhe vira faiscar nas mãos, era, nada mais, nada menos, do que um Crucifixo, de dois palmos de comprimento!

O Camello

Madame não é grosseira, nem teve a idéa, jamais, de offender o marido. Foi uma ingenuidade, apenas, mas uma ingenuidade que elle proprio conta, rindo, aos amigos.

Remanescente de uma geração de bohemios que vae desaparecendo, o illustre advogado mettiá-se, de vez em quando, com uns companheiros, e voltava para casa quasi sem acertar com a porta. A pedido da esposa, porém, interrompeu esse habito, e era por isso que ella, que sempre lê um livro ou outro, dizia, a semana passada, a uma das amigas:

— Fulano (o esposo) agora está muito bom. E' um perfeito camello!

E explicando-se, com singelleza:

— Imagina tu que elle ha dois mezes não «bebe»!...





Alcides Mollandin toma seu chocolate com a tranquillidade de um marido que têm confiança na mulher. (Ainda ha d'esses). E' um marido honesto, methodico, regular. Elle conhece sua esposa (na expressão da Biblia) sabbado á noite, por volta das onze horas. Suas caricias, suas palavras, seus gestos, nada tem de imprevisito. Terminado tudo, elle faz um sermão contra a Carne, contra a materialidade do amor, que lhe parece abjecto. Geralmente Emiliana (é o nome de Madame) dorme antes da peroração, não sabendo jamais como vae terminar o discurso.

Todos os sabbados que Deus põe no calendario, a scena se desenrola com a mesma regularidade, illustrada com as mesmas peripécias. Alcides acaba de beber o ultimo gole da sua chicara, e vae accender um cigarro quando Emiliana entra, grave, quasi solenne, e lhe diz :

— Alcides, eu tenho hesitado em te fazer uma confidencia. Tenho perguntado a mim mesmo se não seria preferivel sepultar commigo este segredo fatal ; mas a minha consciencia me manda que te confesse tudo, e que te peça teu apoio, teu conselho, tua protecção.

- Onde queres tu chegar ?
- Tu és bom, tu és indulgente.
- Explica-te ; anda...
- Ah, meu amigo, eu amo !
- Tu amas quem ?

- Amo algum.
- Tens um amante ?
- Creancice... Então, se eu tivesse um amante, eu te viria dizer ?
- Então ?
- Então, é que eu estou apaixonada por algum, e venho te pedir que me salves...

Olha, eu estou a teus pés. A dois, a lucta é mais facil, e a victoria mais certa. Ha tres semanas, eu quero expulsar do meu coração este amor, e não posso. Elle me domina, me absorve, é mais forte do que eu. Ainda no sabbado — perdôa-me ! — quando tu me estavas beijando, o meu pensamento estava nelle. Um horror !

- E tu o dizes ?
- Perdôa-me, meu amigo, perdôa-me !
- E quem é esse individuo ? Elle tem te feito a côrte ? Elle sabe que tu o amas ?
- Não; juro-te que não sabe.
- Mas é incrível essa historia. E' incrível !
- Eu soffro, Alcides. Tem pena de mim !
- E tu acreditas que isso me diverte!...

— Ah, meu Deus ! para que fui eu falar!... Não seria melhor que eu ficasse calada?... Antes morrer, meu Deus! antes morrer!... — brada Emiliana, desmanchando-se em lagrimas grossas, abundantes, torrencias.

- E o nome desse individuo ? Quem é elle ?
- Jorge Moura.
- Esse idiota ?
- Elle não é idiota. Elle me cercou de uma tunica de Nessus, Alcides. Quando eu penso em ti, tenho a certeza de um pequeno fogo incerto e doce; mas, quando penso nelle, é como um incendio, é como se a realidade fosse qualquer cousa de immenso, de sobrenatural.
- E' horrivel!... Jura-me que tu não verás mais esse cretino ?
- Juro-te !
- Que farás todos os esforços para esquecel-o ?
- Juro-te !



mundo não vale uma das tuas lágrimas... Confia em mim... Eu alliviarei os teus soffrimentos e salvarei teu marido do abysmo...

JULIA — Vaes á cartomante?...

MARIU'NA — Outra cousa...

JULIA — Sabes alguma résa... Alguma droga... Se for alguma droga eu não quero... Pode abater demais as energias do Armando e elle precisa trabalhar... e ganhar muito...

MARIU'NA — (*levantando-se bruscamente, toma o chapéo e caminha para junto de um espelho, onde se prepara*) Não procures sair... E' uma idéa que eu tenho... Confia em mim...

JULIA — Confio... sim... Não fosses tu a minha melhor amiga...

(*Beijinhos, abraços*)

MARIU'NA — (*da porta, sahindo*) Eu te salvarei...

ACTO 2.

SCENA UNICA

No consultorio do Dr. Armando — 3 horas da tarde — Portinha branca ao fundo — Reposteiro grenat á esquerda. Bureau de carvalho, com abat-jour elegante—braço de telephone — etc. — Mobiliario artistico — Luxuoso divan de couro verde. Acabou de sair uma consultante. Armando toca o tympano. Pequena pausa — Entreabre-se a portinha branca ao fundo.

UMA CABEÇA DE MULATINHO — (*inclinando-se*) — Faça o obsequio... Madame...

(*desaparece a cabeça do mulatinho, Mariúna penetra no gabinete e a porta suavemente se fecha atrás da visitante*)

DR. ARMANDO (*levantando-se*) Oh!... minha senhora!... Faça o obsequio... (*tomando a mão de Mariúna e beijando-a*) Como tem passado?...

MARIU'NA — Eu... bem... Mas sei de outros que vão mal...

DR. ARMANDO — (*aproximando uma poltrona*) Sente-se... Descanse primeiro um pouquinho... Está um pouco agitada... Essa escada do escriptorio... Tem alguém enfermo em sua familia?... em sua casa?...

MARIU'NA — Vim para fazer um exame...

DR. ARMANDO — Um exame?... Pois não!...

MARIU'NA — Um exame na sua consciencia...

DR. ARMANDO — Na minha consciencia?!

Julguei que viesse como cliente e agora vejo que vem como medico das almas (*ri*)

MARIU'NA — Quando o enfermo ri é bom signal... Está predisposto para a cura...

DR. ARMANDO — Bem observado... D'ahi quem sabe... —Talvez o Gottuzo tenha razão, quando diz que tem muito bom resultado com o systema de fazer cócegas nas clientes romanticas... Mas... como ia dizendo... Julga então que eu ainda não sou um caso perdido...

MARIU'NA — Quando não se perdeu o coração não importa que se tenha perdido algum tempo e algum dinheiro...

DR. ARMANDO — A sua medicina é oriental... Fallo em linguagem que somente os iniciados podem comprehender...

MARIU'NA — Pois então fallemos linguagem clara... Como bons amigos... Sim... porque eu venho como a melhor amiga da Julia...

DR. ARMANDO — Porque fallar na Julia?... Fallemos de nós mesmos...

MARIU'NA — Teremos de passar por ella, para chegarmos ao nosso assumpto...

DR. ARMANDO — Então... a Julia?...

MARIU'NA — A Julia é uma victima...

DR. ARMANDO — De mim?...

MARIU'NA — E de alguém mais...

DR. ARMANDO — Como diz isso?...

MARIU'NA — Como quem conhece o seu caderninho de notas?...

DR. ARMANDO — Caderninho de notas?...

MARIU'NA — Sim... O caderninho de notas... onde re-

gistra tudo quanto ganha e onde não tem talvez tempo para registrar aquillo que gasta...

DR. ARMANDO — Como sentio isso?...

MARIU'NA — Senti e ainda estou sentindo, porque vejo o soffrimento da Julia...

DR. ARMANDO — Não imaginava...

MARIU'NA — Pois devia imaginar que sua mulher não pôde soffrer as consequencias dos seus esbanjamentos fóra do lar... Perdoe-me a franqueza... mas estamos fallando como amigos... lealmente...

DR. ARMANDO — Pois... lealmente... eu lhe digo... sempre pensei que ella não tivesse razão para lamentar os meus esbanjamentos fóra do lar... Sim... porque eu me póto bem... com ella...

MARIU'NA — E' precise mudar de regimen...

DR. ARMANDO — (*pegando na mão de Mariúna*) Estou em suas mãos... Prescreva e eu seguirei...

MARIU'NA — Mas... parece o contrario... Eu é que estou na sua mão... (*ri*)

DR. ARMANDO — Hoje trocamos tudo... Passei a ser o doente...

MARIU'NA — Pois a prescripção está indicada... E' preciso dar maior conforto á sua mulher... Satisfazer-lhe melhor os pequenos caprichos... Custear-lhe um pouco mais... ou muito mais... as exigencias... como direi? pecuniarias...

DR. ARMANDO — De que modo?...

MARIU'NA — Gastando menos... ou antes não gastando fóra de casa aquillo que ganha no escriptorio...

DR. ARMANDO — A situação não será apenas ridicula para mim... Será humilhante... Comprehende...

MARIU'NA — Haverá talvez uma solução...

DR. ARMANDO (*riendo*) Concentrada?...

MARIU'NA — Sim... eu me concentrei bastante para aconselhar-o...

DR. ARMANDO — Qual é?...

MARIU'NA — Dispendir os juro do seu coração com uma pessoa que não consumma o capital do seu trabalho... e do seu caderninho de notas...

DR. ARMANDO — Como?...

MARIU'NA — Procure alguém que não tenha necessidade de exigir umas tantas cousas de sua generosidade...

DR. ARMANDO — E se eu não tiver a sorte de encontrar... Acha que a Julia...

MARIU'NA — Talvez tenha uma amiga bastante dedicada...

DR. ARMANDO — Para descobrir...

MARIU'NA — ... um meio de fazer a felicidade della... e deixar um saldo no caderninho: ainda que se sacrifique a sua cura será concluida...

DR. ARMANDO — Não creio... Agora mesmo sinto que estou deveras affectado do coração... Parece estar aos saltos... (*levando a mão de Mariúna ao peito*) Veja...

MARIU'NA — Quem sabe se elle quer fallar alguma cousa...

DR. ARMANDO — Por timidez... Talvez esteja fallando baixo... com a commoção...

MARIU'NA — Seria caso de um exame minucioso... Auscultando-o... (*inclina a cabeça, como quem vai ouvir o coração de Armando*)

DR. ARMANDO — Assim de longe não ouvi á nada... E' preciso collar o ouvido...

MARIU'NA — (*encostando o ouvido na altura do coração de Armando*) Aqui...

DR. ARMANDO — Aqui!... (*beija com paixão a nuca de Mariúna*)

MARIU'NA — (*levantando-se bruscamente*) Enlouqueceu!...

DR. ARMANDO — O coração?... Sim!... (*levantando-se*) Enlouqueceu...

MARIU'NA — E agora?...

DR. ARMANDO — Foi a fatalidade... Ninguém pôde fugir ao seu destino...

MARIU'NA — Minha Julia!... Para salvá-o e por amor de ti... eu me sacrifico!... — Jan Richora.





Galho DE URTIGA

O P pelo B.

Mlle., apesar de educada em um dos nossos melhores collegios, ou por isso mesmo, tem, na conversação, um pequeno defeito de dicção: troca o P pelo B, e vice-versa. Isso não obsta, entretanto, que seja uma das alumnas mais applaudidas de uma famosa aula de declamação

Outro dia, foi ella a uma festa de familia, e teve que recitar qualquer cousa referente ao 14 de Julho. Chegou ao meio do salão, olhou, tomou posição, e, grave, declamou:

— A «Queda da Pastilha»!

Um sorriso geral encheu a sala. Não havia cahido, em torno, «pastilha» nenhuma...

Bolando as trocas

Na roda, discutia-se o grave problema das dedicações matrimoniaes. E a elegante senhora, tão linda quanto pura, não cessava de alardear a sua paixão pelo esposo, que, aliás, se

achava presente.

Em certo momento, na sua insistência, declarou, levando a mão ao coração:

— O meu marido é o meu idolo. Tenho-o aqui, dia e noite.

E o dr. Manoel Villaboim, para outra senhora, que se achava ao seu lado:

— Isso faz mal, dona Fulana; isso faz muito mal.

— ?...

— As senhoras devem alimentar, sempre, com o seio direito...

Tinha havido, ao que parece, uma deplorável mistura de frases, entre duas palestras diferentes.

Em cima da perna

Mademoiselle gostava do joven escriptor, do qual foi quasi noiva. Pelo menos, chegaram a andar, de noite, de automovel, e a ir ao cinema juntos, e sem outro acompanhamento. Certo dia, tudo acabou. E agora, estava ella esquecida de tudo, quando lhe appareceu uma das suas amigas, e lhe falou d'elle:

— E' um rapaz de muito talento. E' pena que elle faça tudo tão depressa, tão em cima da perna...

— Que é que estás dizendo? — atalhou, afflicta, mademoiselle, que não prestara attenção á amiga.

E nervosa:

— Que é que elle faz em cima da perna?

— Livros, menina; livros!

E beijou-a, na testa.

Perversidade

Si se trata de uma vingança contra a illustre e formosa senhora, dona de um dos nomes em maior evidencia ha dois ou trez annos, a perversidade é innominavel.

— E' uma tristeza! — affirmam os maldizentes.

E insinuam:

— Bonita como é, a pobre moça tem uma infelicidade: soffre de um pequeno mal sem grande importancia, mas repugnante, e que a tem feito correr, inutilmente, todos os grandes medicos nacionaes e europeus.

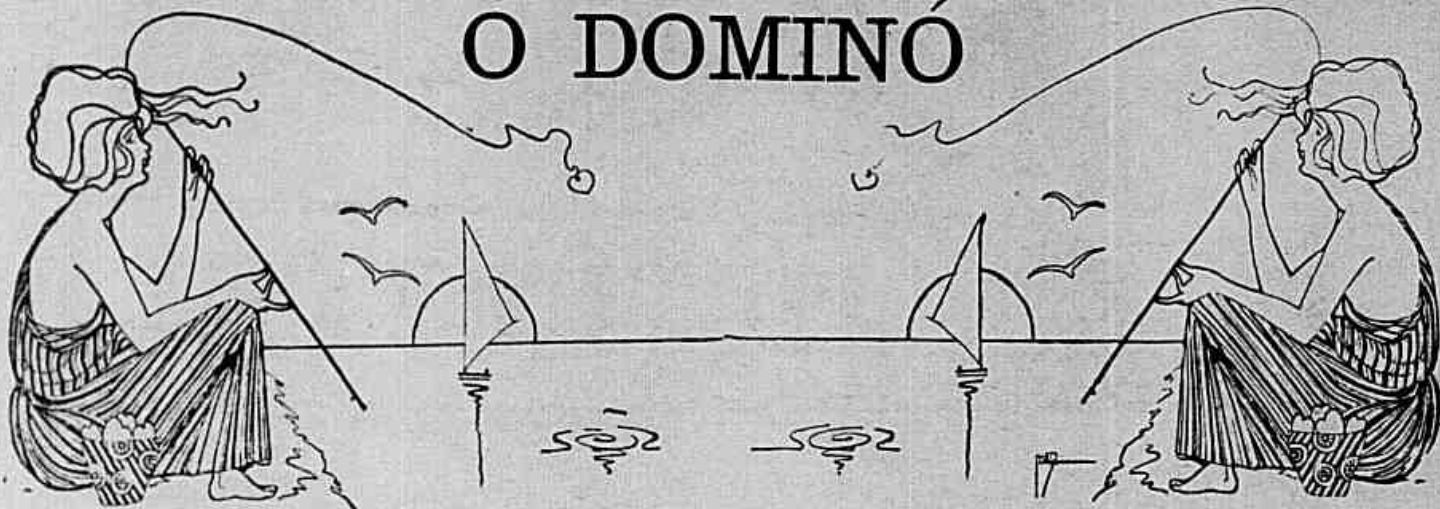
E sopram os morcegos:

— E' por isso que o marido não se incommoda com as levandades d'ella. Até fica contente, ás vezes, por vel-a distrahir-se...

Emquanto isso, ella passa, admiravel nas suas «toilettes», enriquecendo a cidade com aquelles olhos de ouro, feitos, ao que parece, com a póeira do sol ou das estrellas...



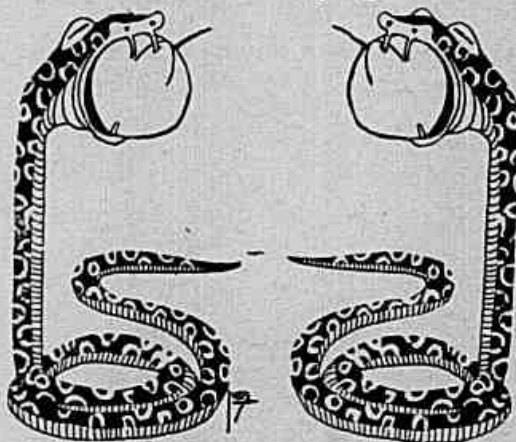
O DOMINÓ



Andrelisa, era o nome della. Se o recebera na pia baptismal da igreja do Pequeno Grande, em Fortaleza, ninguém poderia dizel-o. O certo é que desembarcara com elle no Rio de Janeiro, quando aqui saltára, em 1918, em companhia de um escripturario do Serviço contra as Seccas.

Esse funcionario, que se chamava Guilherme, demonstrara, desde que se relacionara com ella, um inteiro descaso pela sua missão official. Por que, trazendo a rapariga para o Rio, elle se mostrava descobertamente a favor das «seccas», sabido, como era, que se tratava da moça mais «sêcca» do Ceará.

Andrelisa era, effectivamente, magerrima. De phisionomia correctissima, não se lhe notava no rosto a deficiencia de carnes. Do pescoco para baixo, porém, mettia pena: podiam-se contar, um a um, os ossos do seu peito, as vertebrae da sua espinha, as costellas, os ossos dos braços, das pernas, do pé. Tirassem-lhe o vestido, e ficaria patente, vivo, o mais formoso tratado de anatomia, porventura publicado no continente.



O funcionario Guilherme apegou-se, porém, ao esqueleto da Andrelisa, e trouxe-o. Aqui, procurou para elle uma tumba, e metteu-o. A tumba era, entretanto, na rua Conde de Lage, com uma porta de abrir e fechar, e, quando elle deu fé, os despojos tinham fugido com um deputado á Assembléa legislativa de Nictheroy, que se encantára com os olhos da rapariga, sem perguntar o que havia, em materia de carne, dos olhos para baixo.

A surpresa do legislador fluminense foi dolorosa. No dia, porém, em que a teve, estudando a anatomia da Andrelisa, disfarçou-a, e bem. Deitou a rapariga num canapé, mandou que ella descobrisse o busto, e ficou a apalpar, um por um, os ossos da caixa thoraxica. Ao fim de meia hora, a moça protestou:

— Afinal, que é que você está fazendo ahi?

— Eu? — observou o deputado, sem levantar os olhos do «taboleiro».

E satisfazendo-lhe a curiosidade:

— Estou jogando, filhinha, uma partidasi-nha de «dominó»...

Senador Fulano

EPILOGO

«Minha cara Suzana.

O processo que tu me aconselhaste para prender meu marido surtiu o effeito dezejado. Alcides é, hoje, o que eu queria que elle fosse. Se, por acaso, a sua paixão arrefecer outra vez, tratando a sua mulher como quem trata um relógio, a que se dá corda indifferentemente, eu inventarei outro amor.

Representei o meu papel como um anjo. Muito obrigadinha.

Tua — Emiliana».

A. Valabrégue



A tarde dessa confissão não era de um sabbado. Alcides abraça, entretanto, sua mulher, com uma paixão desusada. No dia seguinte, trouxe-lhe um soberbo presente. Cumulou-a de cuidados, de ternura, levou-a ao theatro, usando de toda a sua galanteria. Ao fim de tres mezes Emiliana considerou-se salva, declarando-lhe não só que não pensava mais no Jorge, mas que tinha um horror a tal individuo. Alcides sorriu, satisfeito da vida, considerando-se o homem mais feliz deste mundo.



POR TRAZ DO PANNÓ

* * * *

Coalhada

No camarim da actriz Nair Alves, em uma roda de autores e artistas conversava-se sobre manchas na roupa de vestir.

— Vejam — aparteia o Ary Pavão, mostrando a perna direita de sua inseparável calça de flanela, toda manchada. — São pingos de café.

E a Emilia de Souza, reparando a esquerda, também manchada:

— E estas manchas... também são de café?

— Não, filha; são pingos de leite.

E a conversa tomou outro rumo...

Pão duro

O joven e festejado autor é, positivamente, um amigo da «canalha das ruas».

Tem nas suas relações um amigo, funcionario da Ligth, que dirige bonds e attende pela significativa alcunha de «Pão duro».

Ha dias, pelas 3 horas da ma-

drugada, o joven autor, em uma viagem para S. Januario, dialogava com o citado funcionario.

— Qual, «seu» «doutor». O nosso theatro está muito por baixo, — dizia, desanimado, o «Pão duro».

— Não é tanto assim, meu amigo, não é tanto assim.

E o joven autor terminou, concludente:

— No S. José já se vae fazendo um pouco de arte!

O «Pão duro» augmentou a velocidade do carro — e o joven autor, comprehendendo a perfidia, saltou do carro, precipitado...

Aviação

Na noite da inauguração do Iris Theatro, o ensaiador queria á viva força, que a actriz Marietta Fild se exhibisse, na apothéose aos

aviadores do Luzitania, fazendo a dansa do ventre.

— Não, isso não, — protestou o Dr. Alberico do Couto — A Marietta pode «aterrar»... a platéa...

Innocencia

A róda era austera: o João Luso, o Guanabarino, o Mario Nunes, o Laffayette e Victor Lisbôa, que discutiam o theatro antigo.

Nisto chega a actriz Branca de Lima, que, inteirada do assumpto, affirma innocente:

— Ah! Eu, de peças antigas, só conheço... Lisbôa em Camisa...

Victor Lisbôa encabulou e ficou silencioso...

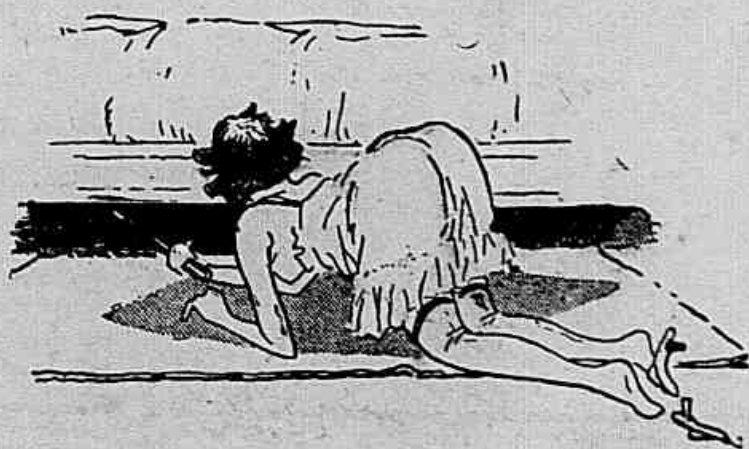
Celeste... als!

O joven actor é um bello typo de galã dramatico, usa «pince-nez», toma gemmada pela manhã, á tarde e á noite e já foi «agente de estação».

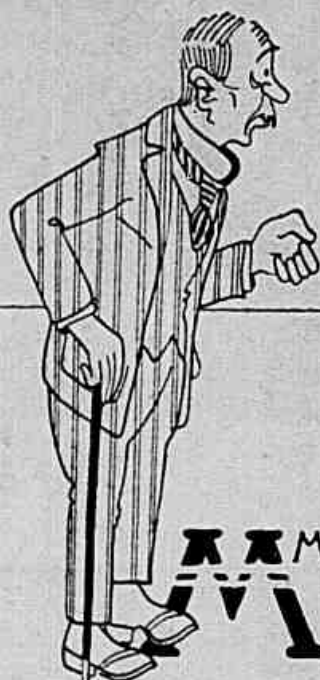
Tem a mania das paixões ardentes e é frequentador da caixa do Carlos Gomes, onde paíra, por

sobre os canastrões e gabirús, a graça da actriz Celeste Reis.

O joven galã tem as suas pretensões á mansão «celeste» e, por isso, ouvindo a querida «estrella» fallar em um passeio de automovel, pelos arrabaldes mais pittorescos do Rio de Janeiro, offereceu gentilmente:



CONSULTORIO DE



MME BENEDICTA.

ODUVALDO MONTEIRO — O caso não foi assim. O actual supplente de delegado era um simples frequentador do S. Pedro, quando teve a sorte de vêr a «estrella» subir para um bonde de Cascadura, em frente áquella casa de espectáculos. Enthusiasmado com o que viu, o rapaz acreditou-se no theatro, e rompeu a gritar, como um louco:

— Bis!... Bis!... Bis!...

Foi isso, e nada mais.

MENINA — Que inconveniente lhe adveio do que me conta? Nenhum, com certeza. A senhorita nunca teve na mão um frasco arrojado? Que aconteceu, de mal, ao conteúdo, por ter a menina passado a mão por fóra do vidro?

E o coração da gente, é assim..

BIBINA — Os namoros iniciados com o pé, por baixo da mesa, são de invenção antiga. O Cardeal Richelieu, nas suas «Memorias», já louvava esse processo, que achava excellente. Tenha, porém, cuidado. Para pratical-o, é preciso saber se a senhora, ou elle, não tem algum callo, que ponha tudo a perder.

ANTONIA ALICE — Vá devagar. Difficilmente quando possível a convicção d'elle. O amor é como as festas; e o melhor da festa, diz o dictado, é esperar por ella. Seja prudente, dando-se por indifferente. Não esqueça, jamais, aquella observação de um escriptor antigo, o qual dizia, muito sabiamente, que os amores vindos de repente são como as creanças de sete mezes: difficilmente as criam.

Mme. GIRASOL — A historia do rei Candalio, que Anatole França admiravelmente poetizou, é simples e humana. Justino, o famoso autor das «Historias Philipicas», assim a re-

sume, no cap. VII, livro I, da sua obra famosa: «Candalio, rei dos lydios, amava doidamente a sua mulher, pela belleza do seu corpo. Não contente de gozar as doçuras do matrimonio sem lhe revelar os segredos, orgulhava-se publicamente dos encantos da rainha, como se o silencio lhes diminuísse a perfeição. Um dia, para confirmar o que dizia, fel-a ver toda nua a Giges, seu amigo. Essa imprudencia lhe foi fatal: Giges, de quem elle havia excitado a paixão adultera por sua mulher, tornou-se amante da rainha; e esta, dominada por elle, mata o marido, e entrega o throno ao amante».

Mme. BERENICE — Transcrevo como resposta á sua consulta, as palavras de Mme. Selda Potocka, á pag. 178 do seu «Consultorio da Mulher»: «Ter medo de ser mãe é a mais desgraçada das covardias. Admitto o direito, imposto pela necessidade, que a mulher possa ter, de evitar a maternidade. Mas esse direito cessa, uma vez que dentro d'ella estremece e se agita o embrião de uma vida. Quanto maior for o seu sacrificio, maior será a sua virtude e mais sublime a sua tarefa. Nós seriamos bem pouca

coisa no mundo se não fossemos as creadoras da vida». As senhoras que não querem ter filhos, devem pensar nisso, no minimo, dez mezes antes do nascimento d'elles.

Mme. Benedicta



LEIAM NO DIA 5 DE MAIO:

“O Mundo Literário”

**Notavel mensario de literatura nacional e estrangeira.
130 PAGINAS DE TEXTO**

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario: ENÉAS FERRAZ
Editora: A grande Livraria LEITE RIBEIRO

O Mundo Literario tem como programma intensificar a recipidade intellectual de todos os Estados do Brasil, facilitar ao publico e conhecimento directo das novidades literarias, scientificas, sociaes, etc. e collaborar no renascimento das sãs energias nacionaes. Para isso conta com um escolhido corpo de redactores e collaboradores, entre elles: Afranio Peixoto, Alberto Nunes, Augusto de Lima, Alcides Maya, Agenor de Roure, Assis Chateaubriand, Bastos Tigre, Benjamin Costallat, Coelho Netto, Celso Vieira, Felix Pacheco, Goulart de Andrade, Gilberto Amado, Humberto de Campos, Hermes Fontes, João do Norte, Luiz Murat, Luiz Guimarães Filho, Luis Carlos, Lemos Britto, Medeiros e Albuquerque, Mario de Alencar, Rodrigo Octavio, Ronald de Carvalho, Veiga Miranda, Xavier Marques e muitos outros, além das escriptoras Albertina Bertha, Bertha Lutz, Chrysantheme, Cecilia Meirelles, Gilka Machado, Julia Lopes de Almeida, Maria Eugenia Celso e Rosalina Coelho Lisboa.

As secções permanentes do «Mundo Literario» estão entregues aos escriptores Jackson de Figueiredo, Pontes de Miranda, Abadie Faria Rosa, Mucio Leão, Barbosa Lima Sobrinho, Austregesilo de Athayde, João Tolomei, Carlos Maul, Mario Ferreira, Agrippino Grieco, Carlos de Vasconcellos, Flexa Ribeiro, Viriato Corrêa, Santos Netto, Adelmar Tavares, Carlos Rubens, Asterio Campos, Virgilio Varzea, José Guilherme, Ribeiro Couto, Abner Mourão, Nestor Victor, etc.

Assignatura semestral	11\$000 na Capital	13\$000 nos Estados
» annual.....	20\$000 » »	25\$000 » »
Numero avulso.....	2\$000 » »	2\$500 » »

A remessa por via postal será sempre registrada, estando o porte e registro comprehendidos nos preços acima mencionados

PEDIDOS DESDE JÁ Á

Grande Livraria Editora LEITE RIBEIRO

RUAS BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 e TREZE DE MAIO, 74 e 76
Caixa Postal 899 -- RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

A MAÇA

SEMANARIO ILLUSTRADO

DIRECTOR - CONSELHEIRO X. X.

PROPRIETARIO - HUMBERTO DE CAMPOS

Redacção: Rua Sachet, 28

ESTADOS

Anno	25000
Semestre	13000
Numero avulso	800

CAPITAL

Numero avulso	8500
" atrozado	8600

Agentes para os Estados:

LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Rua Bethencourt da Silva nn. 15, 17 e 19

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

— «Celeste, a 'ida» eu pago...
A orchestra desafinou...

Musica

A' porta do München um grupo de maestros palestrava, quando atravessa a rua da Carioca um rapaz de 18 a 20 annos.

— Conhecem? — pergunta o Sá Pereira. — E' filho do Maestro X...

— Do Maestro X?

— Sim, mas como a sua musica, tambem é... compilado!...

Esta é do tempo da Companhia João de Deus no Theatro Recreio.

A insinuante actriz acabára de desmanchar o encantador «menage» com o conhecido jornalista.

— Mas, porque? Qual foi o movel? — indagou, como jornalista, o Orlantino Lorêdo.

E a encantadora actriz:

— O movel... foi aquillo...

E apontou um movel que entrava em scena aberta na revista «Carta de Prêgo»...



Bam... bolina

Elle já foi, ha tempos, um admiravel chronista theatral de... garrafinhas e admirado em todos os nossos theatros.

De origem hespanhola, segundo uma certidão exhibida pelo Ruben Gil, em breve o querido homem de theatro viu-se apaixonado por uma hespanholinha do S. José, cantora rachitica e bailarina pesadinha, do elenco Isidro Nunes.

Depois, o epilogo dos romances mulherengos e a partida della para a Hespanha e a volta delle para a esculptura, onde segue, ainda apaixonado, a arte do Modestino Kanto...

Rideau

Artigos finos para homem?
N'0 Pavilhão, Ouvidor 108.

CAPAS IMPERMEAVEIS MODERNAS?

UM BOM TERNO SOB MEDIDA?

N'0 Pavilhão, Ouvidor 108.

N'0 Pavilhão, Ouvidor. 168



PARA O INVERNO

V. Ex. encontra na **CASA ESTRELLA**

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã, sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO

RUA DO OUVIDOR N. 134